(Re)Pensando a Representação de Figuras Negras no Contexto Escolar

Igor Leite Sousa
Professor de Ensino Fundamental II e Médio – Língua Inglesa
EMEF Assad Abdala – DRE Penha

RESUMO

Este artigo tem como objetivo promover uma discussão referente à representação negra no espaço escolar. Segundo a literatura, muitos livros infantis costumam apresentar personagens negros em situação vulnerável e em posição de inferioridade em relação aos brancos (GOUVÊA, 2005; FRANÇA, 2006). Tal ocorrência acaba por gerar estereótipos capazes de penetrar o espaço escolar e a comunidade que o cerca. Assim, pretendeu-se sugerir o trabalho com referências que rompem com a naturalização de histórias únicas sobre negros que os colocam como miseráveis e subalternos. Uma dessas referências é a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2009), cuja prática política, dentro e fora da literatura, é marcada pela defesa da igualdade de raça e de gênero. Segundo Rodrigues (2017), a importância do trabalho pedagógico com autores como Adichie vem da necessidade de a escola rejeitar veementemente qualquer tipo de naturalização dos preconceitos.

Palavras-chave: escola; racismo; representação.

Brasil: um cenário de diversas desigualdades

Em um artigo sobre a importância de descontruir discursos racistas na escola, o professor da Universidade Federal do Tocantins, Walace Rodrigues, afirma que "a criança deve ter a possibilidade de se ver um futuro professor, um futuro advogado, um futuro médico etc." (RODRIGUES, 2017, p. 703) negro. Como todos nós, independentemente da cor, vivemos numa sociedade que se diz democrática, fica muito difícil discordar da fala do professor, uma vez que a liberdade para ser o que quiser é vista como um ideal coletivo. Contudo, os mais afeitos às produções midiáticas percebem que as profissões ocupadas pelos negros da televisão não são de tanto prestígio como as que Rodrigues citou. Para a socióloga brasileira Heleieth Saffioti,

> *a televisão exibe programas em que negros dominam e exploram brancos? Obviamente, não; pois isto seria subverter a ordem natural das coisas. Não são, em geral, negros os que carregam as malas dos brancos? Não são, via de regra, negros os que engraxam os sapatos dos brancos? Basta observar e ter-se-á a prova da diuturna inculcação na cabeça dos brancos e também dos negros da inferioridade do negro. (SAFFIOTI, 1987, p. 30).*

Portanto, não é possível negar a existência do racismo na sociedade brasileira. Um estudo, deste ano, publicado pela Revista do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio, comenta que o racismo é uma questão presente na atual sociedade brasileira, e "que entre metade do século XX e início do XXI ocorreram três conferências internacionais para tratar desse tema" (MARQUES JUNIOR, 2021, p. 63). Tanto que um episódio recente envolvendo a morte de um homem negro por espancamento num grande supermercado de Porto Alegre deixou evidente que estamos ainda longe de uma equidade racial. Os negros, segundo pesquisa disponibilizada no site[1] do Senado Federal, ocupam a maior parte da população carcerária brasileira. Em 2014, constatou-se que dos presos com idades entre 18 e 29 anos, a maioria dos encarcerados, 68% eram pretos ou pardos, dos quais pouquíssimos possuíam ensino fundamental completo (12%). Para que todos possam perceber o peso da desigualdade, basta lembrar que em todos esses anos de presidencialismo tivemos apenas um presidente negro: Nilo Peçanha, durante o período da Primeira República, entre 1909 e 1910. Peçanha era vice de Afonso Pena e assumiu o mandato após a morte de Pena. Acerca de Peçanha, porém, é pertinente

1 Esta pesquisa pode ser observada na íntegra a partir do link https://www12.senado.leg.br/emdiscussao/edicoes/privatizacao-de-presidios/privatizacao-de-presidios/info-perfil-das-pessoas-presas-no-brasil. Trata-se de um levantamento feito em 2014, cuja referência completa encontra-se no final deste texto.

comentar que segundo o site Geledés Instituto da Mulher Negra (2016), organização da sociedade civil referência na defesa de mulheres e negros, o chefe de governo constantemente negava sua origem africana, utilizando até maquiagem para esconder a pele escura em fotografias. Tal ocorrência demonstra como a força do racismo no Brasil não é algo recente.

Assim, no meio de tanta injustiça, é válido pensar sobre a escola. Para Rodrigues (2017), ela "não pode, de maneira alguma, trabalhar com a naturalização de preconceitos" (p. 699). Estes preconceitos estão presentes na sociedade e se expressam por meio das esferas de raça, de classe e de gênero. Para Saffioti (1987), tal ocorrência tem a ver com a força do patriarcado-racismo-capitalismo, que juntos formam um elaborado sistema de opressão capaz de articular violências múltiplas.

Quando uma menina é impedida de praticar determinados esportes por serem "coisas de menino", estamos diante de uma violência de gênero. Agora, ao supormos que este esporte seja algo mais elitizado, como tênis, por exemplo, é possível que a menina em questão seja duplamente excluída, pois sendo ela pobre, terá mais dificuldade de encontrar espaços onde possa praticar esta modalidade, haja vista a pífia quantidade de quadras de tênis, com rede instalada, nas periferias. Isso sem contar a questão de onde conseguir raquetes, bolas, roupas adequadas, enfim. Muitos condomínios luxuosos em São Paulo possuem quadra de tênis, porém, estes condomínios, geralmente, são habitados por pessoas brancas. Logo, se acrescentarmos o fator raça à menina hipotética deste parágrafo, veremos como ela é atingida em cheio pelo que Saffioti (1987) chama de patriarcado-racismo-capitalismo.

De acordo com a socióloga, é um erro ver este sistema como três coisas distintas. As opressões estão profundamente imbricadas na medida em que causam sofrimento às pessoas que se afastam do arquétipo privilegiado pelo sistema: o homem branco rico. Para a autora, é preciso construir a resistência que irá implodir este sistema de injustiças, pois só assim as pessoas poderão viver com mais dignidade e com mais prazer:

> *A verdadeira Democracia só pode ser instaurada quando se destrói o trio patriarcado-racismo-capitalismo. Enquanto o patriarcado e o racismo forem considerados meramente como ideologias e não enquanto relações de poder que são, será impossível chegar-se a uma democracia real. [...] A concepção da simbiose patriarcado-racismo-capitalismo muda inteiramente a estratégia de luta de classes trabalhadoras. [...] Ao que tudo indica, o ataque simultâneo às três contradições fundamentais da sociedade brasileira, expressas na simbiose patriarcado-racismo-capitalismo, revela-se a estratégia mais adequada para a construção de uma Democracia plena. (SAFFIOTI, 1987, p. 94).*

A brutal desigualdade que assola o cenário brasileiro deve ser debatida na escola, para que assim se pensem mecanismos de combate ao preconceito e a qualquer tipo de desigualdade. É importante pontuar que a desigualdade também se refere ao quesito da representação. Como visto anteriormente, a produção televisiva costuma exibir brancos em situação de superioridade em relação aos negros. Felizmente, esta realidade está começando a ser alterada, pois hoje

em dia já é possível encontrar protagonistas de novelas, bem como diversos atletas mundialmente premiados, assim como youtubers, influencers e demais celebridades não brancas. Para Marques Junior (2021), no que diz respeito à equidade entre brancos e negros, "podemos dizer que ao longo do tempo ocorreram avanços e que eles têm se intensificado nos últimos 20 anos" (p. 78).

Assim, a existência de negros bem-sucedidos capazes de inspirar crianças de todo o país é extremamente positiva, embora essa existência ainda não se dê, numericamente, na proporção que deveria. Porém, outro avanço que pode ser citado foi a promulgação da Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que institui a obrigatoriedade do ensino de cultura africana e afro-brasileira em escolas públicas e privadas. Assim, para além de ver o negro sempre atrelado à chaga da escravidão, os discentes, inclusive os brancos, têm a oportunidade de construir outra perspectiva no que diz respeito à África. Uma perspectiva livre de estereótipos e que valorize toda a sua diversidade, riqueza e cultura.

Todavia, é válido afirmar que a aprovação da Lei nº 10.639/2003, além de ser muito recente, ainda engatinha no sentido de ser constatada em todas as escolas. Há resquícios do patriarcado-racismo-capitalismo que podem ser verificados em orientações normativas, em práticas pedagógicas, em materiais didáticos, etc. Na literatura infantil, diversos são os exemplos que podem ser comentados acerca de uma representação negativa do negro. A seguir, procurou-se comentar sobre esta questão por meio da pesquisa bibliográfica em literatura especializada, visando observar como atualmente há produções mais realistas e menos injustas em relação à representação dos negros.

Desenvolvimento – a questão do negro na literatura infantil

Para discorrer a respeito da presença de personagens negros na literatura brasileira destinada a crianças, cabe refletir acerca de um processo histórico marcado pelo racismo e pela desvalorização da cultura africana. Sabe-se que a tradição estética de origem branca e europeia recebeu e ainda recebe muitos aplausos, enquanto o aparato cultural negro fora vítima de preconceito. Tal ocorrência, de acordo com França (2006), permaneceu durante todo o século XX e, atualmente, ainda pode ser observada.

Na pesquisa intitulada A desconstrução dos estereótipos presentes nas lendas Negrinho do Pastoreio e Uirapuru, recontadas por Maurício de Sousa (SOUSA, 2016), o autor aponta a presença de estereótipos referentes a negros e índios na obra do cartunista contemporâneo Maurício de Sousa. O fato de um autor brasileiro, deste século, ainda precisar de mais subsídios no que diz respeito a uma representação mais fidedigna de personagens que destoam do arquétipo do homem branco apreciado pelo patriarcado-racismo-capitalismo, o homem branco rico, demonstra que é preciso reforçar discussões sobre as diferenças raciais, de gênero e de classe, além de observar como essas diferenças são construídas no âmbito do discurso. Não obstante, ainda segundo Sousa (2016), a percepção dos estereótipos e das diferenças presentes no texto, independentemente de ele ser verbal, visual ou mesmo verbo-visual, "é desenhada pelas formações sociais dos sujeitos

leitores" (p. 19), e não é possível saber se esses sujeitos leitores tiveram a acesso ao tipo de discussão proposta por este artigo. Assim, é comum que elementos que reforçam preconceitos ou interpretações de mal gosto possam ser ignorados, ou mesmo até negados, por determinado perfil de leitor.

A este respeito, muito se discute sobre um discurso de viés racista presente na obra de Monteiro Lobato. Porém, não se pode observar o homem dissociado de seu contexto histórico-social. Nesse sentido, ainda de acordo com França (2006), contos como Bocatorta e O Jardineiro Timóteo demonstram como o autor de Taubaté culpava a miscigenação pelo atraso social do Brasil. Essas obras, entre outras, vem gerando um debate sobre a aparente necessidade de editar determinados trechos ou mesmo suprimi-los, por causa da presença maciça de estereótipos.

Para a professora e pesquisadora Marisa Lajolo, ex-orientanda de Antonio Candido e referência em literatura brasileira, suprimir trechos de obras literárias ou mesmo acrescê-las de notas de rodapé que expliquem o caráter problemático de determinado trecho não é a melhor opção. Numa entrevista disponibilizada ao canal no Youtube da Universidade Virtual do Estado de São Paulo, em 2012, Lajolo explica que professores bem formados são capazes de ler estes textos e analisá-los como um todo, sem desconsiderar o contexto em que estão inseridos. Deste modo, estes professores saberão trabalhá-los em sala de aula de maneira crítica, mas sem esquecer-se de engajar os alunos num processo de fruição artística que a literatura lobatiana é capaz de proporcionar, afinal, trata-se de um autor que formou gerações com as histórias do Sítio do Pica-Pau Amarelo e de prestígio reconhecido internacionalmente.

Na história brasileira, houve um período de significativo avanço cultural e tecnológico durante 1920 até 1945. A literatura, que possuía uma propensão a seguir o que vinha da Europa, também dialogava com os interesses do Estado na tentativa de alavancar o progresso do país. E para Coelho (2000), o impulso pela modernização atingiu até o universo da sala de aula, pois os livros da época sempre contavam com uma mensagem para ser ensinada. E, infelizmente, tal mensagem excluía pessoas não brancas na medida em que o interesse era fazer do Brasil uma Europa sul-americana.

> *Num momento sócio-histórico em que políticos e intelectuais almejavam um país moderno aos moldes da "civilização" europeia, todos os meios possíveis foram utilizados para divulgar a imagem de grandeza do País no intuito de colocá-lo nos rumos do desenvolvimento. Nesse sentido, tudo o que não estivesse dentro do padrão exigido teria de ser simplesmente apagado. No caso da população negra, passar uma borracha no passado vergonhoso significou "eliminar" não só um fato histórico, mas todo um povo e sua influência na nossa conformação nacional. (FRANÇA, 2006, p. 41).*

Na época, os países europeus como França e Itália não eram os únicos parâmetros do Brasil, uma vez que se procurou estreitar laços com os Estados Unidos, nação que também compartilha a mácula da escravidão negra e que ainda hoje é palco de episódios terríveis envolvendo o racismo, como o assassinato do ex-segurança George Floyd durante uma catastrófica operação policial em 2020. Assim como lá, o Brasil preconizou um modelo educativo calcado na reverência à branquitude. Tal conceito, que faz muito sentido dentro da luta antirracista, pode ser compreendido como um lugar de conforto para os brancos, uma vez que eles não são vítimas de

preconceito racial e nem têm a sua história pautada pela exclusão.

De acordo com Coelho (2000) e Gouvêa (2005), impôs-se o "mito da democracia racial". Se, por um lado, censurava-se o debate acerca das desigualdades sociais, por outro, os personagens negros eram sempre relacionados aos espaços rurais, à pobreza, ao serviço doméstico e braçal mal remunerado.

> *O negro era um personagem quase ausente, ou referido ocasionalmente como parte da cena doméstica. Era personagem mudo, desprovido de uma caracterização que fosse além da referência racial. Ou então personagem presente nos contos que relatavam o período escravocrata, como na obra: Contos pátrios, de Olavo Bilac e Coelho Neto, de 1906, em que os autores descrevem com ternura a figura submissa de Mãe Maria. Essa ausência do negro nas cenas sociais descritas no período remete à sua marginalização após a abolição. O apagamento do negro nos textos da época reflete uma mentalidade dominante voltada para os ideais de progresso e civilização. Procuravam-se eliminar os antigos hábitos urbanos, assim como afastar dos grandes centros os grupos populares, concebidos como focos de agitação e resistência à nova ordem social. (GOUVÊA, 2005, p. 83-84).*

Apesar da ausência de equidade entre brancos e negros, que até hoje perdura, entre 1960 e 1970 eclodiu o boom econômico brasileiro. Contudo, é possível questionar até que ponto se teve realmente um avanço, visto que a elite dominante fora a única beneficiada. Esta elite, que sempre teve mais acesso aos mecanismos de cultura, beneficiou-se com o soerguimento do mercado editorial, tanto que, em 1972, a Editora Ática principiou a publicação da famosíssima Coleção Vaga-Lume.

> *Nesse sentido, é possível afirmar que, mesmo mascarada e elitizada, foi do influxo dessa modernização que ocorreu um representativo fortalecimento do campo literário da literatura infantil nacional. A partir das décadas de 60/70, são criadas no Brasil uma série de instituições ligadas à promoção da leitura e da literatura infantil, entre estas destaco: a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (1968), o Centro de Estudos da Literatura Infantil e Juvenil (1973), a Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil (1979), além de algumas associações de professores de língua e literatura. (FRANÇA, 2006, p. 41).*

É válido comentar que esse desenvolvimento da literatura também contribuiu com a construção de narrativas negras, embora com muito menos visibilidade do que em comparação aos brancos, inclusive por causa das questões de preconceito e de desigualdade já apontadas aqui. Um exemplo que pode ser citado é a experiência do Teatro Experimental Negro. De acordo com Santos (2020), "esse importante momento da cultura negra brasileira foi fundamental para fomentar e revelar sujeitos que tiveram um papel relevante nas artes dramáticas do nosso país" (p. 3). Apesar de pouco se falar a respeito, a história do povo negro na literatura e nas artes é constituidora da pluralidade cultural brasileira.

Embora ainda haja muito a progredir na luta por uma sociedade antirracista, é inegável o progresso brasileiro no sentido de abraçar a diversidade na literatura infanto-juvenil. Obras como Bucala: A Pequena Princesa do Quilombo do Cabula (2015), de Davi Nunes, e O Pequeno Príncipe Preto (2020), de Rodrigo França, mostram, conforme explicado na introdução, que não há mais espaço para uma história única.

Uma sugestão de referência

Diante da problemática apresentada por este artigo, fica mais fácil compreender a relevância da discussão sobre negritude sem necessariamente associá-la a um lugar de subalternidade. Não se trata de negar os mais de 300 anos de escravidão que houve no Brasil, e sim de pensar que a história do povo negro vai muito, além disso. Quando analisamos o contexto africano, por exemplo, percebemos uma multiplicidade de línguas, religiões, vegetações, costumes, e por aí vai. Portanto, é muito triste ver pessoas que, ainda no século XXI, se referem à África como se ela fosse um país, ignorando a diversidade do continente.

Essa visão equivocada é uma das que aparecem na palestra "The Danger of a Single Story", de Chimamanda Ngozi Adichie, escritora nigeriana declaradamente feminista. Mestra em estudos literários pela Universidade de Yale, tem publicações tanto no âmbito ficcional, como o romance Americanah, de 2013, quanto no sociológico, destacando-se o manifesto Para educar crianças feministas, de 2017. Tornou-se mundialmente conhecida, em 2009, ao proferir uma palestra com nuances autobiográficas, que já conta com mais de 8 milhões de visualizações no Youtube.

Na palestra citada, Adichie elenca os riscos de termos apenas uma fonte de informações. A autora conta que passou anos sem ter acesso a uma literatura de origem africana, assim sendo, não conseguia reconhecer a si e aos seus semelhantes nas histórias que lia.

Quando não conseguimos alcançar informações genuínas sobre determinado assunto, a tendência é sermos levados a acreditar em estereótipos, que, consoante à perspectiva da autora, podem ser entendidos como "meias-verdades". Por exemplo, é fato que em regiões de alta vulnerabilidade possam existir casos de roubo e de violência, mas obviamente não há só isso, pois as pessoas, com todas as suas subjetividades, são diversas. Nesse sentido, dizer que favela é "lugar de bandido" é, no mínimo, um estereótipo. Morato (2019), faz um raciocínio pertinente ao relacionar a força dos estereótipos com a produção de violências:

> *Estereótipos geram preconceito e preconceito gera a falta de respeito pelo outro, quando generalizamos qualquer ideia que se tenha ouvido de algo ou alguém, não estamos lhes dando a oportunidade de serem ouvidos e enxergados como realmente são. Não estamos lhes dando a oportunidade de nos contar suas histórias, aquelas que não nos são contadas. (MORATO, 2019, p. 43).*

Dessarte, vale a pena mencionar a magnitude deste tipo de reflexão para os nossos estudantes, que, muitas vezes, habitam comunidades com acessos precários a equipamentos de educação, saúde, lazer e cultura, e, para além destes problemas que já são bem graves, ainda precisam lidar com o preconceito das pessoas acerca do lugar onde vivem e, em relação aos estudantes negros, com o preconceito referente à cor de suas peles.

Toda a fala da escritora corresponde a uma reflexão riquíssima sobre os riscos dos estereótipos criados por meio de uma (história) única. Algo crucial para se observar é que a própria escritora, responsável por apresentar a reflexão, também incorreu em estereótipos quando pensou que o México é um país composto apenas por pessoas desesperadas para se tornarem cidadãos norte-americanos. Isso aconteceu devido à cobertura midiática de mais veiculação, que tende a abordar a questão da imigração apenas a partir do lado (da visão) dos Estados Unidos, ou seja, percebe-se que todos nós estamos sujeitos às armadilhas das históricas únicas, daí a beleza da leitura de autores conscientes como Adichie.

Enquanto docente de inglês da educação básica com pouca experiência, meu primeiro contato pedagógico com a autora nigeriana se deu durante o ano passado, já em contexto de pandemia. Como lecionava para nonos anos, utilizei a "Activity 1 - Griot: different stories, different storytellers", do material Trilhas de Aprendizagens, produzido pela Secretaria Municipal de Educação (SÃO PAULO, 2020). Esta unidade reproduzia um trecho da palestra de Chimamanda, além de convidar os estudantes a conferirem o discurso na íntegra, disponível via QR code. Também apresentava algumas informações biográficas da autora e expunha uma reflexão acerca da arte (e da notoriedade) de se contar histórias a partir de um ponto de vista plural:

> *Se há diferentes storytellers, há diferentes stories também. Já dizia o ditado popular que "quem conta um conto, sempre aumenta um ponto". A grande questão que se apresenta para nós é que apenas algumas histórias, versões, enredos e contadores monopolizaram a nossa cultura literária, fazendo com que muitas outras culturas não estivessem presentes nessa riqueza que é o mundo da ficção. (SÃO PAULO, 2020, p.50).*

Vale a pena perceber que além dos personagens negros da literatura ficcional de Adichie não reproduzirem o estereótipo de miserável e faminto, conforme ela mesma explica na palestra "The Danger of a Single Story", a própria autora tem uma história de vida destoante da média dos negros brasileiros. Vinda de família de classe média, chegou a estudar no exterior e atingir à pós-graduação stricto-sensu. Tornou-se mundialmente conhecida como ícone feminista e hoje vive da renda dos diversos livros que produz, além de dar palestras em escolas, universidades, empresas etc. Sua postura firme contra histórias únicas de qualquer natureza vem de um lugar onde ela mesma fora vítima dos estereótipos, embora também os reproduzisse. No vídeo referenciado neste texto, Chimamanda conta sobre quando sua colega de quarto norte-americana pensou que ela não soubesse falar inglês por ser africana, mas também relata o momento em que pensou que a família de um menino que trabalhava em sua casa, Fide, não seria capaz de sorrir devido à miséria em que viviam.

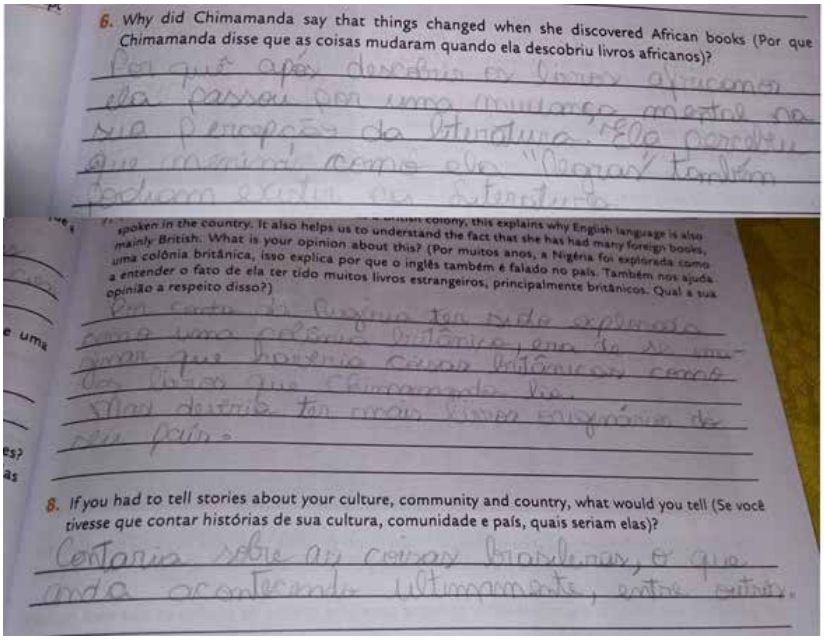
A história de vida da escritora nigeriana legitima-a como referência antirracista internacional. Porém, no Brasil, também temos diversas intelectuais negras que saíram de espaços bastante precários e que hoje percorrem com bastante competência a esfera da academia, das artes, dos esportes, do entretenimento, entre outros. Como exemplos podem ser citadas Djamila Ribeiro, Taís Araújo, Rafaela Silva e muitas outras que o limite de páginas deste artigo não comportaria, mas que a escola tem a capacidade e estrutura para apresentar.

Considerações finais

O texto aqui apresentado buscou refletir sobre a questão da representação de figuras negras no universo escolar, analisando como a mídia e a literatura infantil reforçam uma visão subalterna do negro na sociedade. Para tanto, recorre-se ao conceito batizado como "patriarcado-racismo-capitalismo" (SAFFIOTI, 1987), entendido como um complexo sistema de opressão capaz de articular violências de gênero, classe e raça. Para mostrar como atualmente há opções de literatura compromissada com ideais antirracista, sugere-se trabalhar pedagogicamente as obras da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, cuja introdução ao professor-autor deste texto se deu mediante o trabalho com o material Trilhas de Aprendizagens (SÃO PAULO, 2020).

Em 2020, com a eclosão da pandemia de COVID-19 ao redor do mundo, o ensino remoto emergencial fez-se presente em diversas escolas do Brasil. Na EMEF em que atuava, o combinado foi fazer uma postagem de atividades a cada semana, na plataforma Google Classroom. Em agosto, iniciei o trabalho com a sequência didática intitulada Activity 1 - Griot: different stories, different storytellers, do material Trilhas, do 9º ano, que versava sobre a vida de Chimamanda e sobre a importância de não nos conformarmos com uma história única sobre nós mesmos.

Assim, a partir da troca virtual ocorrida na plataforma, fui capaz de perceber alunos que estavam se engajando em importantes reflexões, como discussões que entendem a literatura como um lugar plural, com espaço para todos. Outro ponto observado a partir de questões do próprio material gira em torno do processo exploratório que a Nigéria percorreu enquanto colônia britânica. Na imagem a seguir, arquivo pessoal do autor referente às respostas de uma estudante às perguntas do material, é possível perceber um nível de compreensão acerca da desigualdade que acompanha processos colonizadores.


6. Why did Chimamanda say that things changed when she discovered African books (Por que Chimamanda disse que as coisas mudaram quando ela descobriu livros africanos)?

spoken in the country. It also helps us to understand the fact that she has had many foreign books, mainly British. What is your opinion about this? (Por muitos anos, a Nigéria foi explorada como uma colônia britânica, isso explica por que o inglês também é falado no país. Também nos ajuda a entender o fato de ela ter tido muitos livros estrangeiros, principalmente britânicos. Qual a sua opinião a respeito disso?)

8. If you had to tell stories about your culture, community and country, what would you tell (Se você tivesse que contar histórias de sua cultura, comunidade e país, quais seriam elas)?

Figura 1 – respostas de uma aluna às questões presentes no material Trilhas de Aprendizagens

Em suma, diante do que foi observado no decorrer deste texto, é possível afirmar que a belíssima trajetória de Chimamanda Ngozi Adichie tem o potencial de mostrar que ninguém deve se contentar com uma história única sobre si. A problemática levantada por este artigo demonstra que, apesar das opressões de raça, classe e gênero estarem bastante articuladas na sociedade, é possível que nós professores apresentemos exemplos de pessoas que conseguiram superá-las, para que assim possamos engajar os alunos na luta pelo desmantelamento de toda e qualquer opressão. Além de construir, coletivamente, os acessos que permitirão que as histórias de sucesso, como a de Chimamanda, sejam cada vez mais frequentes.

Referências

ADICHIE, C. N. The danger of a single story. 2009. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=F4a7oQ5vwP4 Acesso em: 25 abr. 2021.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF: MEC, 2003.

BRASIL. Senado Federal. Info: perfil das pessoas presas no Brasil. **Em discussão!**, Brasília, ano 7, n. 29, p. 22, set. 2016. Disponível em https://www12.senado.leg.br/emdiscussao/edicoes/privatizacao-de-presidios/privatizacao-de-presidios/info-perfil-das-pessoas-presas-no-brasil. Acesso em: 5 maio 2021.

COELHO, N. N. **Literatura infantil:** teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

FRANÇA, L. F. **Personagens negras na literatura infantil brasileira:** da manutenção à desconstrução do estereótipo. 2006. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2006.

GOUVÊA, M. C. S. de. Imagens do negro na literatura infantil brasileira. **Educação e pesquisa**, Universidade Federal de Minas Gerais, v. 31, 2005.

MARQUES JUNIOR, J. S. M. Racismo no Brasil e racismo à brasileira. **O Social em Questão**, v. 2, n. 50, 2021.

MORATO, A. M. C. Chimamanda Ngozi Adichie e "The danger of a single story": a study about the danger of stereotypes. **Cadernos de Pós-Graduação em Letras**, v. 19, n. 3, p. 34-44, 2019.

O presidente negro: Nilo Peçanha. **Portal Geledés**, Instituto da Mulher Negra, São Paulo, 2016. Disponível em: https://www.geledes.org.br/o-presidente-negro-nilo-pecanha/. Acesso em: 20 set. 2021.

RODRIGUES, W. Desconstruindo discursos de diferença na escola. **Educação & Realidade**, v. 42, n. 2, p. 687-706, 2017.

SAFFIOTI, H. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987. (Coleção Polêmica)

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Trilhas de aprendizagens:** Ensino Fundamental: 9º ano. São Paulo: SME/COPED, 2020. v. 2.

SANTOS, D. L. Nosso programa também é alfabetização e cultura: o Teatro Experimental do Negro e o Jornal Quilombo–vida, problemas e aspirações do negro na literatura e na cultura intelectual negro-brasileiras (1948-1950). **Revista Légua & Meia**, v. 11, n. 2, p. 50-63, 2020.

SOUSA, I. L. **A desconstrução dos estereótipos presentes nas lendas Negrinho do Pastoreio e Uirapuru, recontadas por Maurício de Sousa**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral, 2016. Disponível em: https://www.acervodigital.ufpr.br/handle/1884/51910. Acesso em: 30 abr. 2021.

NOTÍCIAS Univesp: Racismo em Monteiro Lobato: Marisa Lajolo. São Paulo: Univesp, 20 set. 2012. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=fn1mlfq7Kls&ab_channel=UNIVESP. Acesso em: 5 maio 2021.